



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 1 | JAN-ABR 2024

ESTUDO DA TOPONÍMIA RURAL EM CARTAS PESSOAIS DO SEMIÁRIDO BAIANO



STUDY OF RURAL TOPONYMY IN PERSONAL LETTERS FROM THE SEMI-ARID REGION OF BAHIA

Camila dos Santos SOARES
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Lisana Rodrigues Trindade SAMPAIO
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 31/10/2023 • APROVADO EM 19/04/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i1.1294>

Resumo

Este artigo, situado no campo da Linguística Histórica, propõe investigar a toponímia rural patente na coleção de cartas de *Mãos Inábeis*, disponível no *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*. Com base nessas premissas, o presente estudo, partindo da leitura de edições semidiplomáticas de documentos manuscritos, possui o intuito de registrar lexicograficamente as diferentes significações e variações dos topônimos evidentes nas cartas produzidas no século XX, por escreventes pouco escolarizados, provenientes de comunidades rurais das cidades de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, localizadas na região sisaleira do semiárido baiano, a fim de construir um glossário onomástico da toponímia rural dessa documentação. Para o desenvolvimento desse estudo, obteve-se como base nos pressupostos da lexicografia histórico-variacional

(Machado Filho; Sampaio, 2020), assim como os estudos toponímicos (Dick, 1990; Seabra, 2004) e os estudos linguísticos do português brasileiro (Lucchesi, 2015b; Santiago, 2012, 2019; Oliveira, 2006). Sendo assim, este artigo apresenta os topônimos rurais identificados nas cartas da coleção, a partir dos registros grafados pelas “mãos” estudadas (mãos inábeis).

Abstract

This article within the field of Historical Linguistics aims to investigate the rural toponymy found in the collection of letters by unskilled hands available in the Electronic Corpus of Sertão Historical Documents project. This study beginning with from the reading of semi-diplomatic editions of handwritten documents, in order to lexicographically record the different meanings and variations of the toponyms evident in the letters produced in the 20th century, by poorly educated writers from rural communities in the towns of Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité and Ichu, located in the sisaleira region of the semi-arid in Bahia. The goal is to build an onomastic glossary of the rural toponymy of this documentation. This study was based on variational historical lexicography (Machado Filho; Sampaio, 2020), as well as toponymic studies (Dick, 1990; Seabra, 2004) and linguistic studies of Brazilian Portuguese (Lucchesi, 2015b; Santiago, 2012, 2019; Oliveira, 2006). Therefore, this article presents the rural toponyms identified in the letters in the collection, based on the records spelled by the "hands" studied (unskilled hands).

Entradas para indexação

Palavras-chave: Léxico. Topônimos. Manuscritos do século XX.

Keywords: Lexicon. Toponyms. Manuscripts from the 20th century.

Texto integral

Introdução

O projeto *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (doravante CE-DOHS) – coordenado pelas professoras Zenaide de Oliveira Novais Carneiro e Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda – do Departamento de Letras e Artes (DLA), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), constitui um extenso banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro, reunindo documentos disponibilizados e editados em diferentes versões.

O acervo, considerado como precursor na região Nordeste, foi criado em 2010 e possui acesso livre e gratuito, fornecendo ao consulente um conjunto de textos que permite desenvolver investigações sobre aspectos sócio-históricos e sócio-culturais, a partir da articulação de conhecimentos com diferentes campos, como por exemplo, o campo da Cultura Escrita na perspectiva da história social.

A base documental presente no CE-DOHS é extensa e excede os limites dos sertões, visto que o conjunto de dados presente nos documentos compõem um estudo diacrônico da história do português brasileiro, estabelecendo uma fonte de estudos para pesquisas acerca de prováveis contatos linguísticos e eventos históricos relevantes para a compreensão da constituição da língua.

O banco de dados sociolinguísticos do CE-DOHS fornece, além das milhões de palavras e dos numerosos documentos com diferentes edições e versões, a descrição completa dos dados (metadados), aspectos socioculturais dos escriturários e descrição dos dados bibliográficos (ficha catalográfica), de acordo com a identificação de elementos como autoria, temática, conteúdo etc, e, informações sobre o encadeamento das documentações, a partir da descrição sócio-histórica.

As cartas disponíveis no CE-DOHS estão organizadas em dois conjuntos, através de edições diplomáticas, em linguagem *xml* (por meio da edição eletrônica *eDictor*)¹. O primeiro conjunto de manuscritos é composto por cartas escritas entre os séculos XIX e XX, produzidas por brasileiros nativos a partir de 1724 e por amostras de falas de brasileiros e baianos gravadas na década de 90, no século XX, na Bahia. O segundo conjunto é composto por produções de populações distintas nascidas no Brasil, a partir de 1590 e está constituído por documentos produzidos por portugueses em território brasileiro nos primeiros 150 anos de colonização e por cartas escritas entre 1640 e 1822.

Os conjuntos de manuscritos disponibilizados no CE-DOHS estão distribuídos em quatorze coleções documentais, são elas: *Cartas para vários destinatários* (208 Cartas); *Cartas para Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo* (190 Cartas); *Cartas para Severino Vieira, Governador da Bahia* (102 Cartas); *Cartas da coleção documental Dantas Jr* (243 Cartas); *Cartas Baianas: coleção documental do Dr. João da Costa Pinto Victória* (102 Cartas); *Correspondências Amigas: o Acervo de Valente, Bahia* (94 Diversos); *Cartas de Mãos Inábeis* (131 Cartas); *Cartas da Coleção Documental Particular da Família Soledade* (30 Cartas); *Cartas da Coleção Documental particular da Família Freire* (17 Diversos); *Coleção documental da Família Estrela Tuy* (3 Cartas); *Cartas Marienses* (90 Cartas); *Cartas da Família Oliveira* (23 Cartas); *Coleção Documental Cartas do Cangaço* (0 Cartas); *Livro de Despesas e Receitas da Irmandade do Santíssimo Sacramento, Livros de Batismo e Atas de Religiosos de municípios do sertão baiano* (0 Cartas). Até o momento, constam em todo acervo 1233 cartas.

Diante disso, considerando as amplas possibilidades de investigação sobre o léxico patente nesse *Corpus*, no presente estudo, optou-se por realizar uma pesquisa sobre a toponímia patente na coleção documental *Cartas de Mãos Inábeis*, composta por 131 cartas, produzidas por 53 remetentes, buscando analisar os topônimos presentes nos conteúdos das cartas datadas e localizadas da coleção com o intuito de registrar lexicograficamente nomes de lugares que possivelmente, devido ao “violento” processo de urbanização do Brasil (sobretudo da Bahia) possam estar ameaçados pelo esquecimento resultante da falta de registros dos nomes das áreas rurais que consequentemente vão sendo apagadas juntamente com as histórias dos habitantes dessas regiões.

Nessa perspectiva, a pesquisa foi desenvolvida a partir da identificação da toponímia rural do sertão patente nas cartas escritas por sertanejos provenientes de comunidades rurais das cidades de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, localizadas na região sisaleira do semiárido, na Bahia e, mais especificamente,

¹ Na apresentação do CE-DOHS, constam as informações acerca da ferramenta e sua organização, de seus criadores, da base documental e a proveniência das fontes documentais, o objetivo inicial para a criação do acervo, assim como sua relevância para os estudos sobre o português brasileiro.

das fazendas presentes nessas localidades disponíveis na supracitada coleção do CE-DOHS.

Dentre as cartas disponíveis na coleção de *Mãos Inábeis*, foram consideradas para a realização deste trabalho apenas as produções que contêm registros toponímicos grafados pelos autores dos manuscritos no corpo do texto ou nos envelopes das cartas, quando disponíveis.

Deve-se ressaltar que constitui um dos intentos deste trabalho, contribuir com os estudos sócio-históricos do português brasileiro e com os estudos do léxico da língua portuguesa, assim como evidenciar por meio da identificação dos nomes das fazendas, a representação de memórias de cunho histórico e cultural, que foram construídas nessas regiões.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo principal analisar, a partir da toponímia rural (através da leitura de edições semidiplomáticas de documentos manuscritos), as diferentes significações dos topônimos patentes nas cartas da coleção de *Mãos Inábeis*, assim como, evidenciar as mudanças e variações do português popular brasileiro, a partir de escritas produzidas no século XX, por sertanejos pouco escolarizados, provenientes de comunidades rurais do semiárido baiano, a fim de construir um glossário onomástico da toponímia rural dessa documentação.

Pretende-se alcançar esse objetivo de pesquisa baseando-se nas abordagens da lexicografia histórico-variacional (Machado Filho; Sampaio, 2020), assim como nos estudos toponímicos (Dick, 1990; Seabra, 2004) e nos estudos linguísticos do português brasileiro (Lucchesi, 2015b; Santiago, 2012, 2019; Oliveira, 2006).

Portanto, este estudo está organizado em cinco capítulos. O primeiro capítulo se concentra na descrição do *corpus* e a coleção estudada, assim como, alguns aspectos geográficos da região do semiárido baiano. No segundo capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos desta pesquisa. No capítulo três, realiza-se uma breve contextualização acerca dos estudos toponímicos na realidade brasileira (Dick, 1990). O quarto capítulo esclarece a metodologia utilizada nesta pesquisa e o capítulo cinco descreve os critérios utilizados na construção da metodologia adotada e apresenta, posteriormente, o glossário onomástico da toponímia rural dos municípios contemplados neste estudo.

1. Coleção *Mãos Inábeis* - Apresentação do *corpus* e da região

A estudiosa Huda Santiago, pesquisadora do CE-DOHS e professora da UEFS, há muito, tem-se dedicado à coleção *Mãos Inábeis*, aqui estudada. Em sua dissertação, Santiago editou e estudou 91 manuscritos, produzidos por 43 sertanejos, ao longo do século XX, denominando a coleção, inicialmente, de *Cartas pessoais de mãos cândidas* (Santiago, 2012). Posteriormente, em sua tese, com a ampliação do *corpus* de pesquisa para 130 manuscritos e a partir da caracterização dos remetentes das cartas, Santiago propõe a expressão *mãos inábeis* para designar a coleção².

Nesse contexto, em seu trabalho de doutoramento, Santiago (2019) defende que os redatores das cartas possuem inabilidade com a técnica de escrita,

² Por seu fôlego de pesquisa, atualmente, Huda Santiago é a principal referência para os pesquisadores interessados nesse espólio documental.

buscando caracterizar a escrita por mãos inábeis a partir de um contínuo de inabilidade, de acordo com níveis máximos e intermediários. Logo, as produções dos escreventes adultos e com pouca escolaridade não são consideradas escritas de mãos hábeis por possuírem características gráficas estacionadas na fase inicial de aquisição da escrita³.

Assim, a partir da leitura atenta dos manuscritos da coleção de *Mãos Inábeis* disponíveis no *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS), é possível observar os aspectos de inabilidade em escrita alfabética, evidenciados nas produções de cartas pessoais, escritas por sertanejos do semiárido baiano, no século XX (Santiago, 2019, p. 21-22), o que torna esse espólio um *corpus* de expressiva relevância para estudos histórico-diacrônicos acerca da identificação de mãos inábeis.

Desse modo, conforme estabelece Santiago, “a noção de inabilidade, associada a características de redatores estacionados em fase inicial de aquisição da escrita, tem sido manifestada, no âmbito dos estudos linguísticos e filológicos, através da expressão “mãos inábeis”. (Santiago, 2019, p. 27).

Destaca-se que o gênero carta é uma documentação relevante para estudos linguísticos, uma vez que são registros pessoais, constituídos de grafias e variantes linguísticas. Por meio desses textos, pode-se perceber marcas da oralidade que expressam transformações ocorridas na língua, decorrentes da passagem temporal.

Atualmente, constam na coleção de *Mãos Inábeis* 131 cartas para consulta, escritas por 53 remetentes oriundos do sertão baiano, mais especificamente de comunidades rurais dos municípios de Riachão do Jacuípe, Ichu e Conceição do Coité, localizados na região do semiárido. Do ponto de vista histórico, essas cidades possuem muitas relações sociais, econômicas e políticas. No que diz respeito aos aspectos geográficos, os municípios fazem limites entre si. Além disso, as comunidades da região contêm muitas semelhanças e algumas especificidades culturais e econômicas.

Riachão do Jacuípe é um município localizado no estado da Bahia que pertence à área de Expansão Metropolitana de Feira de Santana. A cidade fica situada às margens do Rio Jacuípe, a 186 km da capital, com uma população estimada em 33.386 de pessoas (IBGE, 2022)⁴. Próximo a esse município está Conceição do Coité, situado a 35 km ao Norte-Oeste de Serrinha, no estado da Bahia, com cerca de 67.825 habitantes (IBGE, 2022)⁵. Outra cidade próxima é Ichu, que se situa a 23 km a Norte-Leste de Riachão do Jacuípe e, segundo as estatísticas (IBGE, 2022), sua

³ Registre-se que Santiago (2019) se ampara em alguns estudos para abordar sobre a noção de inabilidade associada à expressão *mãos inábeis* que, segundo a pesquisadora, foi estabelecida em língua portuguesa a partir do trabalho elaborado por Marquilhas (2000). Santiago (2019) ainda ressalta que essa expressão também pode ser encontrada na versão francesa *scripteurs maladroits*, utilizada por Claire Blanche-Benveniste (1993), porém as bases para estudos posteriores sobre caracterizações dos gráficos de inábeis foram consolidadas a partir da paleografia italiana, com Armando Petrucci (1978), por meio da definição de alguns critérios que classificam a capacidade de execução gráfica dos redatores.

⁴ Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/riachao-do-jacuipe/panorama>>. Acesso em 15 de setembro de 2023.

⁵ Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/conceicao-do-coite/panorama>>. Acesso em 15 de setembro de 2023.

população é estimada em 6.190 pessoas. Assim, destaca-se que os municípios são circunvizinhos, como apresentado na Figura 1, a seguir:

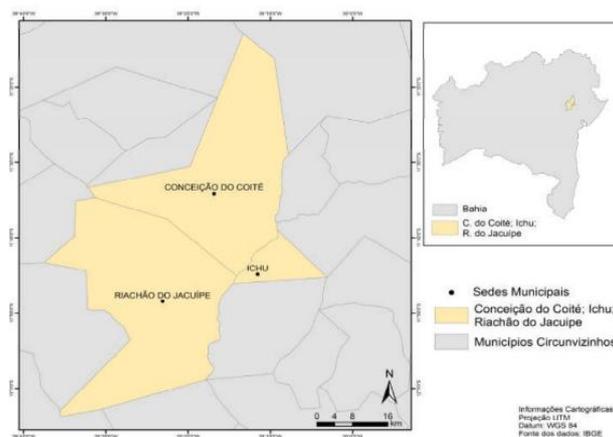


Figura 1- Mapa da Região

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Em conformidade com o mapa da Figura 1 acima, é perceptível que Riachão do Jacuípe, Ichu e Conceição do Coité são municípios próximos e fazem limites geográficos entre si, correspondendo à região do semiárido baiano.

No estado da Bahia, o termo “território” decorre a partir da noção de identidade, podendo ser um conceito interpretado e historicamente construído pela sua significação ideológica, perpassando a categoria política e contemplando dimensões humanas e ecológicas. Em termos de território de identidade da Bahia, os municípios de Conceição do Coité e Ichu pertencem ao território do Sisal, mais conhecido como região Sisaleira da Bahia, no semiárido baiano. Até a década de 1990, Riachão do Jacuípe também integrava a Região Sisaleira⁶, porém, atualmente, o município faz parte do território da Bacia do Jacuípe.

Nesse contexto, essas cidades dividem muitas características de identidade, ainda que cada uma delas possua suas especificidades culturais, econômicas, políticas e sociais. A criação de gado e sua expansão para diversas cidades da Bahia, assim como a pecuária, eram as principais atividades econômicas ligadas ao povoamento e a ocupação territorial dos sertões da Bahia.

De acordo com Santiago (2019), “havia uma multiplicidade de pequenas e médias propriedades, e os grandes pecuaristas eram donos de várias fazendas de gado, muitas delas concentradas em Riachão do Jacuípe e Conceição do Coité” (Santiago, 2019, p. 78). A autora ainda reitera que “com a suspensão do sistema de sesmarias, os grandes latifúndios foram se reduzindo, dando origem a diversas fazendas, que depois resultaram em muitos municípios, como a fazenda “Riachão”, situada às margens do rio Jacuípe” (Santiago, 2019, p. 78-79).

⁶ A região do sisal ficou reconhecida pelo processo de produção da *agave sisalana*, uma espécie de planta que contém a extração de fibra por meio de sua folha, podendo ser utilizada na fabricação de produtos como tapetes, bolsas, cordas etc. Uma das características dessa planta é a sua resistência quanto ao clima semiárido.

Diante disso, conforme já mencionado, busca-se empreender nesta pesquisa, um estudo dos topônimos registrados nessa produção (conjunto de cartas da coleção de *Mãos Inábeis*, disponível no *Corpus*) com o intuito de realizar um registro lexicográfico, com base nos pressupostos da lexicografia histórico-variacional (Machado Filho; Sampaio, 2020), desses locais/municípios que, possivelmente, devido ao “violento” processo de urbanização do Brasil, sobretudo da Bahia, possam estar ameaçados pelo esquecimento resultante da falta de registros dos nomes das áreas rurais que conseqüentemente vão sendo apagadas juntamente com as histórias dos habitantes dessas localidades.

Vale ressaltar que, o êxodo rural, no Brasil, teve um aumento significativo ao longo do século XX. No semiárido baiano⁷, a expansão rodoviária e o crescimento industrial estavam associados às dificuldades com as atividades agrícolas, instaladas em consequência da seca que ocorreu na região sisaleira, na década de 60, e aos longos períodos de insuficiência de precipitação pluviométrica que atingiram a região. No entanto, conforme afirma Santiago (2012), “o crescente processo de urbanização que é verificado no país no século XX só se implementa de forma mais efetiva a partir da década de 80” (Santiago, 2012, p. 37).

De acordo com os dados apresentados por Lucchesi (2015b), o processo de urbanização do Brasil, ao longo do século XX, teve um avanço significativo a partir da década de 30:

A urbanização está relacionada ao processo de industrialização, que só se implementa efetivamente a partir de 1930. Em 1872, a população urbana do Brasil não chegava a seis por cento do total; e em 1900 era inferior a dez por cento. O percentual da população urbana só vai crescer mesmo após 1930, passando de 10,7% em 1920 para 31,2% em 1940, chegando a 45,1 em 1960 e saltando para 67,7% em 1960 (Lucchesi, 2015b, p. 144-145).

Nessa perspectiva, apesar do número considerável de fazendas nas regiões do sertão baiano, mais especificamente no semiárido e nas proximidades, ocorre um intenso crescimento urbano e o avanço crescente da industrialização nestas regiões. Porém, o processo de registros dos nomes das fazendas das comunidades rurais não avançou tão rapidamente, logo, a ausência de documentos que constituem a memória dessas localidades e a invisibilidade dos registros dos nomes das áreas rurais, ainda que em dicionários digitais mediante aos avanços e surgimentos de inúmeras ferramentas tecnológicas e computacionais, representam possíveis ameaças de esquecimento e apagamento de memórias que constituem histórias dos habitantes das cidades de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu.

Partindo do aspecto demográfico, sabe-se que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi criado em 1934 e instalado em 1936, no entanto, é possível localizar, nos levantamentos realizados, apenas informações sobre os

⁷ De modo geral, as relações de trabalho dessa região são configuradas, predominantemente, pela figura do lavrador (cultura de cereais) e do vaqueiro (trabalho com o gado). Registre-se que o trabalho escravo também fez parte das produções e das relações de poder da região do Semiárido, porém, destaca-se que nas fazendas do Recôncavo Baiano, a presença de africanos/afrodescendentes escravizados era muito mais frequente (Santiago, 2019, p. 79).

municípios e centros urbanos. Atualmente, mesmo com os avanços das ferramentas tecnológicas e computacionais, os topônimos rurais ainda não foram devidamente registrados e não são localizados em sites de busca ou em dicionários digitais e etimológicos de língua portuguesa. Dessa forma, muitas comunidades rurais não contam com os devidos registros, o que representa uma perda da memória dos usos linguísticos dessas comunidades.

Entretanto, a coleção de manuscritos aqui estudada contém um número significativo de topônimos, mais especificamente, nomes de fazendas situadas nas comunidades rurais/distritos da região. Nas cartas selecionadas para análise, os nomes das fazendas (topônimos) aparecem, geralmente, antes das datas, como é possível perceber nas Figuras 2, 3, 4, 5 e 6, apresentadas a seguir:

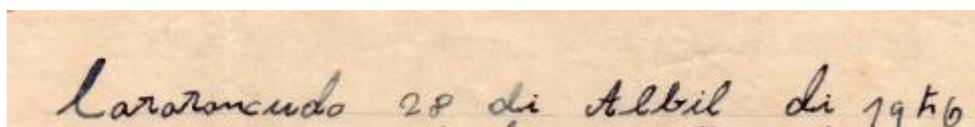


Figura 2: Excerto da imagem da carta nº 1 da coleção de *Mãos Inábeis*

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

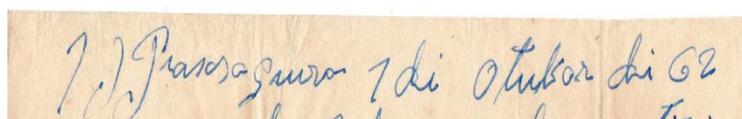


Figura 3: Excerto da imagem da carta nº 2 da coleção de *Mãos Inábeis*

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

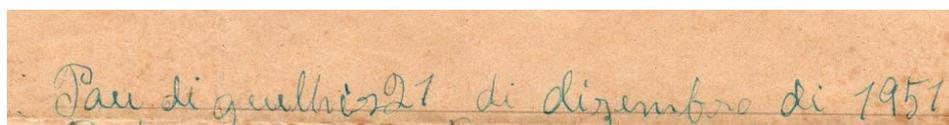


Figura 4: Excerto da imagem da carta nº 26 da coleção de *Mãos Inábeis*

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*



Figura 5: Excerto da imagem da carta nº 31 da coleção de *Mãos Inábeis*

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*



Figura 6: Excerto da imagem da carta nº 42 da coleção de *Mãos Inábeis*

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

É possível observar, nas Figuras 2, 3, 4, 5 e 6 acima, que os topônimos estão registrados nas cartas em posição imediatamente anterior à datação, sendo iniciados com letras maiúsculas. No entanto, em alguns registros, os topônimos não foram identificados no corpo do texto, apenas no envelope das cartas, quando disponíveis, como ilustrado na Imagem a seguir:



Figura 7: Envelope da carta nº 2 da coleção de *Mãos Inábeis*
Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

Na Figura 7, localizada acima, o topônimo (Fazenda Morrinho) está registrado após o nome do destinatário da carta e em posição imediatamente anterior à identificação do nome do município (Riachão do Jacuipi).

Porém, vale ressaltar que nem todas as cartas possuem a identificação dos nomes das fazendas/municípios de origem ou habitação dos remetentes, conforme consta na carta de nº. 4, ilustrada na Figura 8 a seguir:



Figura 8: Excerto da imagem da carta de nº 4 da coleção de *Mãos Inábeis*
Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

Conforme evidenciado na Figura 8 acima, a carta é iniciada apenas com a saudação e a datação, sem a presença de registros toponímicos.

Diante disso, este estudo considerou para análise, apenas as cartas datadas e localizadas da coleção de *Mãos Inábeis* que possuem registros toponímicos grafados pelos autores/remetentes dos manuscritos.

Registre-se que o envio de algumas cartas foi realizado por meio de terceiros, possivelmente, caixeiros viajantes ou pelos próprios vaqueiros, visto que nem todas as cartas possuem envelopes com selos postais (indicando envio por meio dos Correios) e as fazendas eram situadas em localidades muito próximas ou em municípios vizinhos. A ausência dos selos postais pode ser ilustrada na Figura 9, apresentada a seguir:

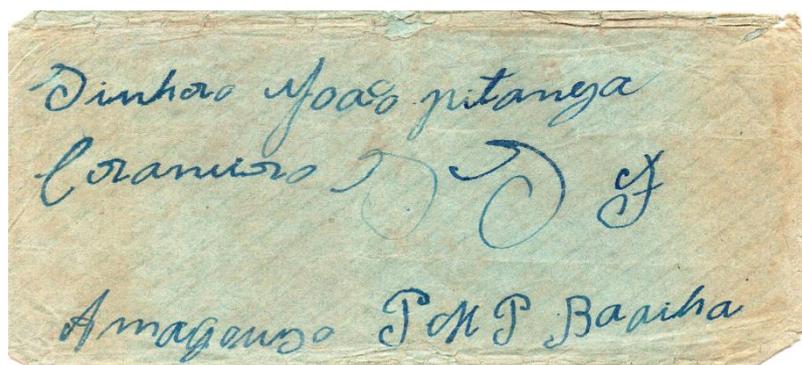


Figura 9: Envelope da carta de nº 8 da coleção de *Mãos Inábeis*

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

O envelope da carta de nº 8, conforme consta na Figura 9 acima, não possui indícios de envio pelos Correios, uma vez que não há identificação do selo postal.

Conforme já mencionado, os municípios são circunvizinhos e a maioria das fazendas eram muito próximas. Para além das proximidades geográficas das regiões, é possível perceber que os habitantes também possuem relações de proximidade, visto que as produções das cartas são de natureza cotidiana e afetiva. Os laços de afetividade entre os remetentes e destinatários podem ser evidenciados por meio de textos pessoais trocados por amigos, compadres, familiares e namorados que expressam, de modo geral, sentimentos de saudade, realização de pedidos, solicitação de notícias de familiares, entre outros.

Assim, pode-se observar que as escritas dos destinatários e remetentes são altamente afetivas e demonstram um nível significativo de intimidade entre os interlocutores, como é possível observar nas Figuras 10, 11 e 12 apresentadas abaixo:

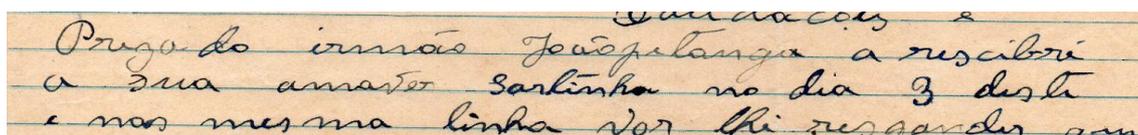


Figura 10: Excerto da imagem da carta nº 37 da coleção de *Mãos Inábeis*

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

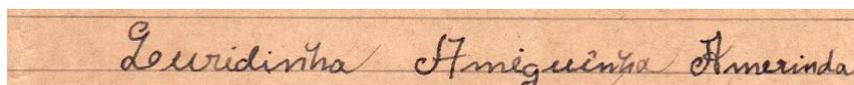


Figura 11: Excerto da imagem da carta nº 43 da coleção de *Mãos Inábeis*

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

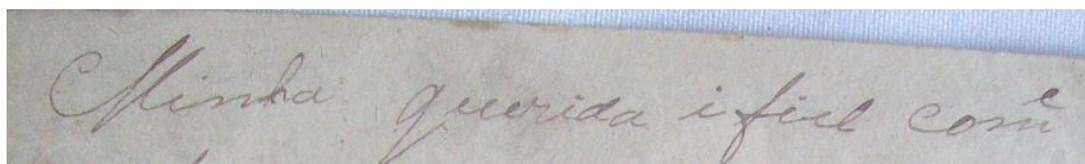


Figura 12: Excerto da imagem da carta de nº 67 da coleção de *Mãos Inábeis*

Nos excertos das cartas de nº 37, 43 e 67, conforme consta nas Figuras 10, 11 e 12, apresentadas anteriormente, é possível visualizar termos como “prezado irmão”, “queridinha, amiguinha”, “querida e fiel”, que demonstram um nível significativo de intimidade entre os remetentes e destinatários da coleção de *Mãos Inábeis*.

2. Fundamentação teórica

A nomeação sempre foi uma atividade exercida pelo ser humano. O ato de nomear pessoas, objetos e lugares é uma ação inerente à humanidade, uma vez que “desde os mais remotos tempos, o homem sempre deu nome aos lugares” (Dick, 1990, p.17).

Diante das mudanças no modo de se comunicar, é possível afirmar que a nomeação é uma atividade exercida pelo homem desde os primórdios, sendo sempre constituída de significações “e o sentido desses denominativos é o ponto de partida para investigações no campo da linguística, geografia, antropologia, psicossociologia, enfim, da cultura em geral” (Dick, 1990, p. 17).

Partindo desse pressuposto, a iniciativa de estudar sistematicamente os nomes próprios surgiu a partir dos primeiros estudos efetivos da Onomástica, ciência inserida nos estudos da linguística e dedicada a estudar os nomes próprios de pessoas e lugares, podendo ser dividida, respectivamente, em duas vertentes: a antroponímia e a toponímia.

Considerando que muitas são as motivações antroponímicas e toponímicas, uma vez que os nomes e seus significados estão diretamente relacionados com uma comunidade e uma cultura, pode-se afirmar que a ação de nomear é habitual em todas as línguas. Além disso, a Onomástica surge como ramificação das ciências do léxico, uma vez que, de acordo com Seabra (2004):

A Onomástica se integra à lexicologia, caracterizando-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo; a Antroponímia e a Toponímia - ambas se constituem de elementos linguísticos que conservam antigos estágios denominativos. A primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos; [...] Já a Toponímia se integra à Onomástica como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. (Seabra, 2004, p. 36).

Quanto ao léxico, este pode ser considerado o conjunto dos diferentes territórios das palavras, pois “representa fortemente a diversidade de espaços e as camadas sociais em que as populações se organizam” (Machado Filho; Sampaio, 2020, p. 46). Nesse sentido,

a observação, a análise sistemática e seu registro têm cabido historicamente à lexicografia e à lexicologia, mas dada a tendência metodológica de exclusão de dados praticada nessas áreas,

tradicionalmente, sempre muito condicionadas aos padrões da escrita, grande volume de ocorrências de alegados “desvios” linguísticos de comunidades de fala de baixo prestígio social sempre esteve à margem da história, ou seja, sem memória. (Machado Filho; Sampaio, 2020, p. 46-47).

Por essa razão, adota-se aqui como pressuposto metodológico considerar toda variação gráfica patente no *corpus*, conforme a orientação da lexicografia histórico-variacional. Como explicam Machado Filho e Sampaio (2020, p. 50):

as realizações da fala de comunidades alijadas dos padrões prestigiados da língua têm sido ignoradas pela lexicografia tradicional, mas constituem-se, hoje, para a Lexicografia Histórico-Variacional, um novo e importante veio. (Machado Filho; Sampaio, 2020, p. 50).

Com base nesses pressupostos, o léxico toponímico patente na documentação estudada pode configurar mudanças socioculturais. Assim, por meio da análise lexical é possível perceber inovações linguísticas imediatas, pertencentes a padrões linguísticos utilizados na atualidade:

Nesse cenário, o léxico — acervo da linguagem verbal construído ao longo dos anos e composto com algumas palavras já adormecidas, outras em plena atividade ou em processo de mudança, mas todas representantes dos conhecimentos construídos pelos membros de uma sociedade ao longo dos anos de sua formação — é fonte de informação para diversas pesquisas na área da Lexicologia, entre elas a Onomástica. (Santana; Paim, 2019, p. 282).

Dessa forma, os estudos lexicais, sobretudo, as pesquisas realizadas na área da Onomástica possuem extrema relevância para o campo dos estudos linguísticos e suas respectivas relações com a esfera social, conforme Simões Neto e Soledade (2021, p. 14-15):

Os nomes próprios para além de serem signos linguísticos de real valor para a compreensão de como funcionam as línguas, são também capazes de revelar aspectos socioculturais que perpassam as sociedades que os usam, através da forma como os usam e das escolhas que os motivam. (Simões Neto; Soledade, 2021, 14-15)

Vale ressaltar que as produções dessa documentação pertencem a escreventes baianos e sertanejos com pouca escolaridade e pouco contato com a cultura escrita da língua.

Desse modo, os destinatários e remetentes das cartas são redatores que utilizam um padrão linguístico com variantes populares do português brasileiro e que se distanciam da norma culta (utilizada por sujeitos que tiveram acesso à cultura letrada). Esses manuscritos do século XX, ilustram um índice de pouca alfabetização, visto que, segundo Oliveira (2006), o processo de alfabetização na Bahia do século XIX era restrito às camadas sociais de maior prestígio, então, “as pouquíssimas aulas e escolas existentes se dirigiam aos filhos dos senhores de

terra ou da alta burocracia e objetivavam, com frequência, apenas o ensino elementar da escrita e da leitura” (Oliveira, 2006, p. 43-44).

A dificuldade de acesso à escolarização ou a ausência de sua oferta, no estado da Bahia, no século XIX, relatada por Oliveira (2006), pode ser evidenciada nos registros grafados pelos destinatários e remetentes das cartas, visto que os manuscritos reúnem um compilado de dados linguísticos do português brasileiro, sobretudo do séc. XX na Bahia, por meio de um conjunto de textos de caráter afetivo, próximos de uma escrita cotidiana, constituindo, assim, uma amostra de dados relevantes e significativos para os estudos da variedade popular do português brasileiro.

Nesse contexto, os escreventes da coleção de cartas de *Mãos Inábeis* possuíam dificuldades de acesso ao ambiente escolar. Geralmente, fatores como condições financeiras e distância geográfica são os mais recorrentes para a ausência da oferta de educação aos sujeitos que habitavam nas áreas rurais. Em sua tese, Santiago (2019) afirma que os redatores das cartas possuem inabilidade⁸ com a técnica de escrita, buscando caracterizar a escrita por mãos inábeis a partir de um contínuo de inabilidade, de acordo com níveis máximos e intermediários.

Em suma, os destinatários e remetentes possuem pouca afinidade com a escrita alfabética. Além disso, em muitos dos manuscritos, é possível perceber traços da oralidade que podem ser indicados pela passagem temporal e expressos pelas mudanças linguísticas ocorridas em uma determinada língua ao longo do tempo. Essas inovações linguísticas e dialetais também estão aliadas ao caráter evolutivo e heterogêneo do português brasileiro.

Acerca dessa questão, Santiago (2012) observa que:

Essa heterogeneidade que caracterizou a história sociolinguística do Brasil gerou consequências significativas para a configuração atual do português brasileiro. Primeiro, o contato com as variadas línguas nativas e o uso da língua geral para a comunicação durante a escravização e a conversão religiosa dos indígenas. Depois, com a chegada dos africanos vindos de diferentes nações e falantes de línguas incomuns, o multilinguismo foi acentuado através de relações sociais estabelecidas de forma bastante assimétricas. (Santiago, 2012, p. 23).

Assim, Santiago (2012) destaca que a construção de corpora a partir de dados representativos do português popular brasileiro é “de especial relevância para a Linguística Histórica, tendo em vista a dificuldade de localização de documentos que sejam mais próximos de uma escrita cotidiana, produzidos por aqueles que não possuem maior domínio das habilidades de escrita” (Santiago, 2012, p. 25).

3. Os estudos toponímicos no contexto brasileiro

⁸ Conforme Santiago (2019), a noção de inabilidade, associada a características de redatores estacionados em fase inicial de aquisição da escrita, tem sido manifestada, no âmbito dos estudos linguísticos e filológicos, através da expressão “mãos inábeis” (Santiago, 2019, p. 27).

A Toponímia é uma disciplina pertencente a Linguística, e, possui como objeto de estudo os topônimos, ou seja, os nomes próprios atribuídos pelo homem para denominar os lugares. Os estudos toponímicos surgiram na França e foram desenvolvidos por Auguste Lorgnon, em 1878.

No Brasil, alguns estudos contribuíram diretamente para a consolidação da Toponímia como disciplina científica, como o trabalho do professor Carlos Drummond (1965): "Contribuição do Bororo à Toponímia Brasileira", que foi um projeto coordenado, posteriormente, pela professora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, responsável por iniciar o projeto *Atlas Toponímico do Brasil*, a partir de propostas sobre investigações toponímicas do município de São Paulo.

Desse modo, os estudos sobre os vocábulos toponímicos na realidade brasileira obtiveram destaque a partir das análises realizadas por Dick⁹ (1990). A autora considera que "a nomeação dos lugares sempre foi atividade exercida pelo homem, desde os primeiros tempos alcançados pela memória humana" (Dick, 1990, p. 5).

Os topônimos, segundo Dick (1990), são considerados como elementos que permitem conhecer aspectos históricos de uma determinada comunidade, pois representam

importantes fatores de comunicação, permitindo, de modo plausível, a referência da entidade por eles designada. Verdadeiros "testemunhos históricos" de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato de nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando ao presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. (Dick, 1990b, p. 21- 22)

Para essa linguista, o primeiro aspecto motivacional do signo toponímico diz respeito a função do denominador:

Muito embora seja o topônimo, em sua estrutura, uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento de código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire uma dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagerado afirmar ser essa uma das principais características do topônimo. (Dick, 1990a, p.18).

E o segundo aspecto está relacionado à "própria origem semântica da denominação, no significado que revela" (Dick, 1990, p. 18).

⁹ Por seu fôlego de pesquisa, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick é uma grande referência nos estudos toponímicos na contemporaneidade. A autora desenvolveu o quadro taxonômico com as principais motivações toponímicas da realidade brasileira, sendo possível enquadrar e classificar os topônimos brasileiros a partir das respectivas motivações: aspectos antropoculturais (cultural, social ou psíquicos) e geográficos (aspectos físicos).

3.1 Análise dos topônimos identificados no *corpus*: metodologia adotada na pesquisa

Inicialmente, empreendeu-se a leitura das cartas que compõem a coleção *Mãos Inábeis* com o intuito de conhecer as produções e definir as possíveis investigações de acordo com os dados registrados.

Em seguida, partiu-se para o levantamento dos topônimos a partir das informações contidas em cada carta. Nessa etapa, foi possível observar que em algumas cartas, como por exemplo, a carta nº 107¹⁰, não havia indicações de informações toponímicas ao longo do texto. Assim sendo, somente a partir da ficha catalográfica era possível identificar a localização do remetente e do destinatário.

As cartas que não possuem dados toponímicos foram excluídas da análise por não haver o registro dos topônimos, a partir das grafias das “mãos” estudadas, visto que o foco deste estudo é levantar no *corpus* selecionado os topônimos rurais (nomes das fazendas) das cidades de Riachão do Jacuípe, Ichu e Conceição do Coité, no entanto, alguns topônimos de localidades vizinhas também foram registrados nas cartas e considerados para análise, em virtude da proximidade geográfica das fazendas/distritos. Em algumas cartas, é possível perceber a ausência de topônimos no corpo do texto, conforme consta na Figura 13, apresentada a seguir:

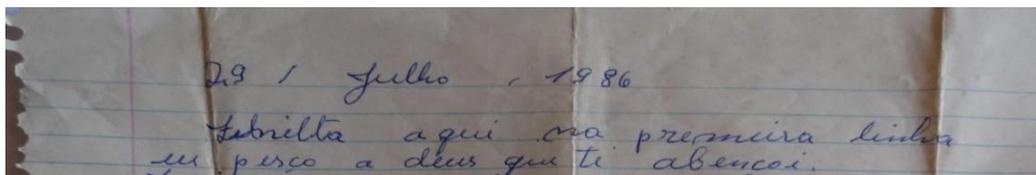


Figura 13: Excerto da carta nº 107 da coleção de *Mãos Inábeis*, disponível no CE-DOHS

Fonte: *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*

Na carta nº 107, apresentada na Figura 13 acima, não há identificação do topônimo, apenas a datação em posição imediatamente anterior ao texto.

Com base nessas premissas, o presente estudo, partindo da leitura de edições semidiplomáticas das cartas de *mãos inábeis* e da identificação dos nomes dos lugares indicados pelos remetentes, investigou as produções da coleção de *Cartas de Mãos Inábeis* e, a partir disso, elaborou um glossário onomástico, com base nas informações toponímicas encontradas em algumas cartas da coleção e dos dados que evidenciam os nomes das fazendas nos manuscritos.¹¹

Por fim, diante da análise e do levantamento toponímico e, com base nos critérios de seleção que serão apresentados na seção seguinte, foi

¹⁰ Além da carta mencionada, existem outros manuscritos, no acervo estudado, que também não possuem identificação de topônimos ao longo do texto, como, por exemplo, as cartas de nº 2, nº 10, nº 23, nº 38, nº 49, nº 88, dentre outras.

¹¹ Os registros toponímicos grafados pelos remetentes/redatores das cartas de mãos inábeis, geralmente, estão localizados no início do texto, próximo à datação. Fez-se necessário os registros de variedades e formas gráficas que ocorreram nos corpora selecionados, ainda que desconhecidas, a fim de preservar os aspectos vocabulares e grafemáticos da edição consultada.

desenvolvido um breve glossário com os topônimos identificados, que será apresentado na seção seguinte, composto com 23 topônimos. Vale ressaltar que, em virtude da ausência de registros dessas comunidades, não foi possível identificar, no acervo do *corpus* analisado, informações sobre a localização de algumas fazendas da região. Além disso, devido a proximidade entre essas fazendas, alguns topônimos rurais de localidades vizinhas que aparecem em algumas cartas, também foram considerados para análise.

4. Breve glossário dos topônimos das cartas da coleção de *Mãos Inábeis*

4.1 Métodos e critérios adotados na construção do glossário toponímico

A identificação dos topônimos nos manuscritos foi realizada através da leitura cuidadosa dos *corpora* selecionados e a edição semidiplomática dos textos foi conservada nas abonações (ou exemplos de uso). O reconhecimento dos itens toponímicos obedeceu aos critérios de posição do registro, considerando, o registro imediatamente anterior à datação e/ou o que consta no envelope da carta (quando disponível).

Sendo assim, a análise toponímica esteve pautada na leitura cuidadosa das produções selecionadas e foram avaliados os nomes dos lugares indicados nas cartas como objeto de estudo para a realização da pesquisa e principal dado para construção do glossário toponímico das cartas datadas e localizadas da coleção de *mãos inábeis*, disponíveis no CE-DOHS, a partir dos seguintes critérios estabelecidos para a sua elaboração:

- Foram selecionados os topônimos registrados nas cartas da coleção de *mãos inábeis* datadas e localizadas;
- Como critério para identificação dos nomes dos lugares, foram eleitos dois critérios: o primeiro, o da posição do registro, considerando o registro imediatamente anterior à datação e o segundo, o que consta no envelope da carta, quando disponível;
- Foi considerado como dado para a construção da pesquisa, o lugar indicado na carta e não o lugar em que o remetente era NASCIDO/RADICADO, informado no acervo;
- Foram considerados apenas os registros realizados pelos remetentes (ou autores das cartas).

4.2 Glossário toponímico

amargozo - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Riachão do Jacuípe - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 114]. **Faz amargozo** 27-11-88 .

balagão - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Conceição do Coité - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 84]. **Fazemda balagão** 9 do 6 de 1966.

baliza- topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Candeal - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 48]. **Fazenda Baliza** 23 do 9 de 76.

[fazenda baliza] → fazenda baliza.

boa-esperansa - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 127]. **Fazenda boa-esperansa** 8 do Corrente de 1977.

bom fim - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 78]. **Bom fim** 22 di marco di 1906.

[bonfim] → bom fim.

cabana - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Ichu - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 55]. **Fazenda cabana ichú bahia** 22. 10. 76 . || [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS /carta nº 59]. **Fda cabana ichù** 24, 7, 77.

[fazenda cabana ichú bahia] → fazenda cabana ichú bahia ~ fda cabana ichù.

cachorrinha - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Conceição do Coité - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 74]. **Fazenda cachorrinha** 9 de Fevereiro di 1978.

caupeira dos algodão - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Riachão do Jacuípe', Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 111]. **Fazinda caupeira dos algodão** 11 de Masso di 75. || [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 129]. **Fazenda caupeira dos algodão** 1-199.

[fazenda cachorrinha]→ fazenda cachorrinha.

[fazenda caupeira do algodão] → fazinda caupeira dos algodão ~ fazenda caupeira dos algodão.

[fazenda caupeira do algodão] → fazinda caupeira dos algodão.

cararancudo ~ carrancudo ~ carancudo - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Mairi', Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 1]. **Cararancudo** 28 di Albil di 1956. || carta nº 40]. **Fazenda carrancudo município di mairi** 2 Setembro di 1955. | coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 43]. **Fazênda carrancudo 24 di Maio 1956.** || coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 41]. **Carancudo** 19 de julho de 56.

[carrancudo] → cararancudo ~ carrancudo ~ carancudo .

[fazenda amargoso] → faz amargozo.

[fazenda balagão] → fazemda balagão.

[fazenda boa esperança] → fazenda boa-esperansa.

fazenda mumbuca → f mubuca.

[fazenda queimada nova] → fazenda queimada-nova ~ queimanda-nova.

[fazenda tabua] → tabua.

fazendas vasoura - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 120]. **Fazendas vasoura.**

[fazenda vassoura] → fazendas vasoura.

fazenda vitoria - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 121]. **Fazenda vitoria** 11-3-77.

[fazenda vitória] → fazenda vitoria.

fazenda viva deus - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 53]. **Fazenda viva deus** 3 di Agosto di 70.

[fazenda viva deus] → fazenda viva deus.

goiabeira - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Conceição do Coité', Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 64]. **Goiabeira** 21 do 12 75.

[goiabeira] → goiabeira.

juazeirinho - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Conceição do Coité - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 81]. **Juazeirinho** 15 de Novembro de 1907.

[juazeirinho] → juazeirinho.

mubuca - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Ichu - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 54]. **F mubuca** 18 do 7 75.

pau de guelhir ~ pau de colher- topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Riachão do Jacuípe - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 26]. **Pau de guelhir** 21 di dezembro di 1951. || [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 87]. **Fazenda pau de colher** 14/2/2000. ||

[pau de colher] → pau de guelhir ~fazenda pau de colher.

piassaguera - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 7]. **Piassaguera** 1 di Otubor di 62.

[piaçaguera] → piassaguera.

primeira malhada - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 130]. **Fazenda primeira malhada** 23 de Novembro de 1972.

queimada-nova ~ queimanda-nova- topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Conceição do Coité - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 116]. **Fazenda queimada-nova** 14 de corrente 9 77. || [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 123]. **Fazenda queimada-nova** 20-12-75 Outubro. || [séc. XX / coleção de mãos inábeis -CE-DOHS/ carta nº 128]. **Fazenda queimanda-nova** abril de 1977.

rodiador bedor do catrea- topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 42]. **Rodiador bedor do catrea** 29 de Aosto.

[**rodiador bedor do catrea**] → **rodiador bedor do catrea**.

salve hoje- topônimo. 'Nome de uma fazenda situada em um município do Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 51]. **Salve hoje** 7 di Abril de 1977.

[**salve hoje**] → **salve hoje**.

tabua- topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Ipirá - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 31]. **F Tabua** 23 de Março de 1963.

vaca brava - topônimo. 'Nome de uma fazenda situada no município de Riachão do Jacuípe - Sertão da Bahia'. [séc. XX / coleção de mãos inábeis - CE-DOHS / carta nº 83]. **Vaca brava** 20 de junho de 1953.

[**vaca brava**] → **vaca brava**.

Considerações finais

Este estudo buscou estabelecer uma proposta metodológica para o levantamento da toponímia rural da região do semiárido, mais especificamente, dos municípios de Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité e Ichu, considerando as amplas possibilidades de investigação sobre o léxico patente no *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão*.

Assim, optou-se por realizar um estudo sobre a toponímia patente na coleção documental *Cartas de Mãos Inábeis*, composta por 131 cartas, produzidas por 53 remetentes, buscando analisar somente os topônimos presentes nos conteúdos das cartas datadas e localizadas da coleção, visando contribuir com os estudos sócio-históricos do português brasileiro e com os estudos do léxico da língua portuguesa, na tentativa de enfatizar a relevância da preservação de memórias histórico-culturais das regiões e das comunidades rurais do semiárido baiano, por meio da identificação e da investigação lexical dos topônimos (nomes dos lugares).

Para a construção do glossário onomástico, foram priorizados os registros grafados pelas “mãos” estudadas, extraídos das edições semidiplomáticas dos manuscritos analisados que compõem a coleção. Através da metodologia utilizada nesta pesquisa, foi possível constatar a ausência de registros toponímicos das fazendas da região, sobretudo, em dicionários etimológicos, assim como, a

invisibilidade do léxico toponímico das comunidades rurais analisadas. A escassez dos registros pôde ser evidenciada em dicionários digitais nacionais e regionais.

Além disso, alguns aspectos de cunho geográficos e socioculturais também foram evidenciados, como por exemplo, os limites geográficos existentes entre os municípios de Ichu, Conceição do Coité e Riachão do Jacuípe e a proximidade entre as fazendas da região, justificando-se pela incidência de registros toponímicos das comunidades vizinhas, bem como, um grau significativo de afetividade/intimidade entre os remetentes e destinatários das cartas e pelas especificidades identitárias imersas no contexto sociocultural dessas localidades, ainda que muito semelhantes politicamente e economicamente. Em síntese, o estudo foi realizado com o intuito de catalogar os topônimos rurais, por meio da construção do glossário onomástico e registrar lexicograficamente a nomeação das fazendas das regiões selecionadas para este estudo, por meio da identificação e dos registros toponímicos, representando assim uma contribuição para o conhecimento do português popular brasileiro e do seu léxico.

Referências

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. In: OLIVEIRA, A.M.P.P de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico: lexicografia, lexicologia, terminologia*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; Lacerda, Mariana Fagundes de Oliveira (org). CE-DOHS - Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão. Disponível em: <http://www.uefs.br/cedohs>. Acesso em: 31 out. 2023.
- DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- LUCCHESI, Dante. *Língua e Sociedade Partidas: a polarização sociolinguística do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015b.
- OLIVEIRA, Klebson. *Negros e escrita no Brasil do século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudo linguístico*. 2006. Tese (Doutorado - Letras e Linguística) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.
- OLIVEIRA, A. M.P.P de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico*. Campo Grande: Editora da UFMS, 1998.
- MACHADO FILHO, Américo V. L. ; SAMPAIO, Lisana . A edição de textos no contexto da lexicografia histórico-variacional. In: Paulo Osório. (Org.). *Linguistics and philology revisited: contributos para a instrumentalização das humanidades digitais*. 1ed.Covilhã: LabCom, 2020, v. 1, p. 45-65.
- SANTANA, Lana Cristina; PAIM, Marcela Moura Torres. *O léxico toponímico de origem africana no recôncavo da Bahia: uma análise semântico-lexical*. Salvador, 2019.

SANTIAGO, Huda da Silva. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano*. 2012. Dissertação. (Mestrado - Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SANTIAGO, Huda da Silva. *A escrita por “mãos inábeis”: uma proposta de caracterização*. 2019. Tese (Doutorado - Língua e Cultura) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SEABRA, Maria Cândida T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. 368f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SOLEDADE, Juliana; SIMÕES NETO, Natival Almeida. *Nomes próprios: abordagens linguísticas*. Salvador: EDUFBA, 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. CE-DOHS - Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão. Disponível em: <http://www.uefs.br/cedohs>. Acesso em: 31 out. 2023.

Para citar este artigo

SOARES, Camila dos Santos; SAMPAIO, Lisana Rodrigues Trindade. Estudo da toponímia rural em cartas pessoais do semiárido baiano. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 165-187, jan.-abr. 2024.

Autoria

Camila dos Santos Soares é graduanda do curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no Centro de Formação de Professores (CFP). Tem interesse nas seguintes áreas: Filologia, Formação do Português Brasileiro, Constituição Histórica da Língua Portuguesa, Lexicografia, dentre outros temas sócio-históricos sobre a língua. E-mail: milasoare.cs@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-0979-8218>.

Lisana Rodrigues Trindade Sampaio possui Graduação (Licenciatura) em Letras Vernáculas, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde, na qualidade de bolsista de iniciação científica, desenvolveu pesquisa sobre a constituição histórica da língua portuguesa, precisamente sobre a edição interpretativa de um impresso do início do século XVI e a onomástica patente nesse documento, ligada ao Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR). É Mestre em Linguística Histórica pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPLinC), na mesma instituição, tendo feito uma edição interpretativa e um glossário do manuscrito Livro dos Usos da Ordem de Cister, datado de 1415. Participe do grupo de pesquisa Nêmesis, que engloba o DEPARC (Dicionário Etimológico do Português Arcaico), coordenado pelo Prof. Américo Venâncio Lopes Machado Filho, na condição de pesquisadora. Doutora em Linguística Histórica, no

referido Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Em sua tese de doutorado, realizou uma edição diplomática das cantigas de satíricas do Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti) e um glossário das formas verbais patentes nesse espólio. Atualmente, é docente do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, na área de Língua Portuguesa e ensino. Tem interesse nas áreas de Filologia, Português arcaico, formação do Português Brasileiro, Lexicografia Histórica, estudos do texto, constituição histórica da língua portuguesa e do seu léxico, aspectos da fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, da semântica e pragmática do português, além de diversos temas sociopolíticos sobre a língua e o seu ensino. E-mail: zanasampaio@gmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0627-3125>.